

Necrológio de Santo Souza – Academia Sergipana de Letras¹

Estácio Bahia Guimarães²

324

José Santo Souza nasceu em Riachuelo, no Estado de Sergipe, a 27 de janeiro de 1919. Era filho de Dona Hermínia, mãe solteira, de origem humilde e negra, numa época que a cor da pele fechava muitas portas. Santo Souza falava com orgulho das suas origens. Fez os estudos iniciais na cidade natal, onde cursou apenas o primário e foi este o único aprendizado formal que recebeu na vida.

Autodidata, com a força de vontade e a determinação que lhe era peculiar, estudou literatura e aprofundou-se no estudo da língua português, tornando-se um perfeccionista na aplicação das regras gramaticais; conheci poucas pessoas que demonstrassem tanto domínio sobre a língua portuguesa como Santo Souza, além de possuir um vastíssimo vocabulário. Seu gosto pela literatura o levou a aprender também como autodidata, o alemão, o francês e o grego para ler os autores na sua língua original.

Suas poesias estão assentadas nas raízes órficas e têm um caráter universalista. Paulo Bonfim, considerado o príncipe dos poetas, da Academia Paulista de Letras, assim se expressou sobre uma obra de Santo Souza:

A ODE E O MEDO deu de beber a minha sede de poesia. É uma transfusão espiritual na anemia de beleza destes dias. Nunca o mundo precisou tanto de poetas como você: criador de ritmos que iniciam, de palavras que tatuam nos muros da noite a celebração do eterno.³

- 1 Versão ampliada do artigo apresentado no dia 12 de maio de 2014, na Academia Sergipana de Letras.
- 2 Membro da Academia Sergipana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. É bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Brasília e em Direito, pela Universidade Federal da Bahia. É especialista em Engenharia de Produção pela Escola de Organização Industrial de Madrid, Espanha.
- 3 BONFIM, Paulo. Apresentação. In: SOUZA, J. Santo. *Obra escolhida*. São Paulo: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989, p. 261.

Além da poesia produziu crônicas em que se misturavam a prosa e a poesia, para o encantamento dos seus leitores.

A originalidade da sua obra poética e sua dedicação à cultura, lhe abriu caminho para a conquista da Cadeira nº 3, da Academia Sergipana de Letras. Foi empossado no dia 4 de julho de 1970, na sucessão do, também, poeta Cleômenes Campos de Oliveira. Na solenidade de posse no Sodalício foi recebido pelo acadêmico José da Silva Ribeiro Filho, que, no seu discurso, enalteceu o estro poético esotérico e místico do intelectual sergipano. Santo Souza integrou, ainda, o Movimento Cultural Sergipano, liderado por José Augusto Garcez; fez parte do Clube Sergipano de Poesia e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi membro titular do Conselho Estadual de Cultura e sócio correspondente da Academia Paulista de Letras.

Além de poeta e notável cronista, Santo Souza engajou-se no campo do jornalismo, especialmente na condição de redator-chefe da Revista Alvorada e em participações em jornais diários de Aracaju. Produziu textos para programas culturais da antiga Rádio Difusora de Sergipe, bem assim para as rádios Liberdade e Cultura. No jornalismo e na poesia, Santo Souza propugnou por uma sociedade mais justa, digna e participativa. Nessa linha de pensamento o poeta debruçou-se sobre a insensatez da sociedade no enfrentamento das desigualdades entre as pessoas lançando um grito de revolta no poema PAISAGEM DE NATAL.

Acredito que alguns homens que despontam aqui e acolá no curso da história estiveram, há milênios, como espíritos puros, sentados à mesa sagrada partilhando dos projetos elaborados pelo arquiteto do universo. Observaram com intimidade os planos para criação do mundo, das formas de vidas e da concepção mais perfeita e mais refinada: O PROJETO HOMEM.

Observaram os planos de harmonia que deveria reinar entre os homens, as ofertas da natureza farta em tudo para satisfazê-los, tornando-os assim originalmente felizes. Tudo fora cuidadosamente planejado para que o ser humano embevecido sorrisse, contemplasse e usufruísse, em toda a sua plenitude, das dádivas divinas. A humanidade, infelizmente, ao longo do tempo foi abandonando os seus instrumentos de navegação, desviando-se da rota e perdendo o rumo, afastando-se das linhas claras e definidas traçadas pelo criador.

De tempos em tempos, é necessário que venha um desses espíritos puros, com conhecimento profundo do plano inicial, trazendo mensagens fortes para reconduzir o rebanho as suas verdadeiras campinas.

Tomam forma de homem, se vestem de poeta e com a voz grave vem alertar a humanidade:

Venho de longe... - Em minhas mãos queimadas, / trago a cinza de céus crepusculares! / Nos olhos, trago noites e alvoradas / e na alma, os sons da eterna voz dos mares.

Trago lírios de luz...Trago irisadas / ondas de sóis, desfeitas em colares../ E, aceso, o pálio azul das madrugadas / para cobrir os tronos e os altares!

Trago o silêncio! E a paz! E a luz que ondeia/ dentro dos astros - esses grãos de areia / orvalhados de névoa e de harmonias...

E urnas de sonhos, clâmides de estrelas, / Trago-as de longe para oferecê-las / a esses que vêm com as pobres mãos vazias.⁴

Santo Souza, figura sagrada que guardava no olhar a serenidade dos deuses, e na alma os recados que foram gravados, com toda precisão, para serem espalhados sobre os campos queimados pela guerra, sobre as angústias e desesperos dos homens e sobre os corações de pedra dos que já esqueceram a sua condição humana. Ele, com certeza, é um desses espíritos superiores que já sentou, há milênios passados, à mesa divina do arquiteto do universo e da vida. Veio alertar as criaturas sobre o seu destino temerário, e fazê-las procurar as bússolas e as estrelas que foram abandonadas pelas estradas para reencontrar o verdadeiro caminho.

Hesíodo foi um dos dois grandes poetas gregos da idade arcaica. Junto com Homero, a sua obra constitui um dos pilares sobre os quais se edificou a identidade helênica. A sua principal obra é a *Teogonia*. Este poema de caráter teológico e religioso explica o nascimento e a genealogia dos deuses do Olimpo e dos heróis mitológicos.

O *aedo* Hesíodo recebeu das musas o poder da vidência tornando-o capaz de conhecer as coisas passadas, presentes e futuras para que, cantando celebrasse os deuses imortais e as façanhas dos heróis mitológicos. Por serem filhas do Deus supremo, elas estão ligadas ao exercício do poder e dão aos cantores palavras verdadeiras para cantarem o que foi, o que é, e o que será.

Santo Souza é um autêntico *aedo* da Grécia antiga, eleito pelas musas, assim como o foi Hesíodo, recebendo os mesmos poderes de conhecer as coisas passadas, presentes e futuras. O seu espírito vem viajando pelo tempo há séculos, testemunhando os acertos e os tropeços da raça humana, revelados nos seus escritos. Os gritos de alerta que emanam dos seus poemas são tão proféticos que extrapolam o talento do poeta e adentram os domínios das visões do profeta. Ele se tornou um elemento de ligação entre o divino e o humano, entre o sobrenatural e o natural, entre o mundo metafísico e a realidade terrena. Fez-se um elo entre o passado e o presente e revelou-se um intérprete do futuro: anunciando esperanças e tragédias, auroras e crepúsculos.



4 SOUZA, J. Santo. Urnas funerárias. In: *Cidade Subterrânea*. Aracaju: CISLA, 1953.

Sobre a obra poética “Caderno de Elegias” comenta o crítico Renato Jobim, no diário carioca de 10/07/1955: “poemas elaborados em TOM PROFÉTICO, numa atmosfera de tragédia iminente. Desfilam aí mães, filhos e mesmo toda a humanidade, num desamparo apocalíptico”.

Densa e feia como um enorme corpo / inconsciente e disforme / a procissão das sombras se arrasta / pelas ruas caladas e vazias.../ que mão formidável estará movendo / esse tropel de vozes esquisitas / escondidas debaixo da penumbra? / esta é a última cidade que a noite dissolveu. Cidade morta e apagada / em cujo ar escuro um anjo azul traçou / com suas asas em chamas / o hieróglifo da morte ampla e total.⁵

No *Olimpo*, os deuses formavam uma sociedade organizada no que diz respeito à autoridade e poder, e formavam três grupos que controlavam o universo: o céu ou firmamento, o mar e a terra. A mitologia grega enfatizava o contraste entre as fraquezas dos seres humanos e as grandes e aterradoras forças da natureza.

É justamente neste universo de deuses, símbolos e figuras mitológicas da Grécia antiga que Santo Souza transita com grande intimidade; e não foi por acaso que ele os escolheu como personagens para encenar no palco da sua obra poética os dramas, as tragédias e as esperanças da humanidade. Os cenários são os mais variados: ora aparece um mar revolto atiçado pela tempestade, perseguido pelo furacão; ora o horizonte em chamas; ou o inferno ardendo lançando larvas aterradoras sob o comando de satanás; e em outras tantas mostra as trincheiras abertas exibindo madrugadas e horrores.

Gritos de desespero ecoam pelo palco, homens e mulheres de joelhos levantam as mãos para os céus pedindo clemência, mas os gemidos de arrependimento não abafam os estrondos dos erros passados e o cenário se enche de lágrimas. O coro de todas as vozes lança perguntas milenares aos céus. E os deuses silenciosos esperam que algum dia os homens possam entender que as respostas aos seus questionamentos encontram-se nos seus próprios desatinos.

Na platéia, a humanidade atônita procura decifrar as visões do poeta / profeta que utiliza todos os recursos cênicos para convencê-la da realidade do mundo trágico que nós mesmos estamos construindo, sobre o alicerce das tragédias e das angústias provocadas pelos próprios desmandos dos homens.

Santo Souza não é um mero narrador das tramas e dos dramas repletos de angústias e medo, que se desenrolam nesta nau onde navega a humanidade, respingada de lágrimas. Ele é o ator principal e participa ativamente das cenas que se mostram em cada ato e o faz conversando com os deuses,

5 SOUZA, J. Santo. Elegia número 31In: *Caderno de Elegias*. Aracaju: CISLA, 1954.



domando figuras mitológicas, assumindo o comando das situações, convocando estrelas, enfim mostrando que este universo que emerge dos seus poemas, alimentados pela lira de Orfeu, não são apenas criações da sua mente prodigiosa, mas vestígio de visões de quem esteve no meio dos acontecimentos mandando, comandando, agindo, sofrendo, gritando:

A postos, marinheiros! Deus ameaça arrancar / de nossa
mãos a rosa das origens e deixar cair / seu braço vingador
nas águas agitadas. Sereias / dançam, loucas, na espuma
frágil do mar, e é hora / de partir. Anjos e demônios vêm
navegando em nossa / direção, e ao estrondo feroz de seus
bramidos as / constelações confundem nossas trilhas.⁶

Santo Souza colhe seus ensinamentos na lira e nos cantos de Orfeu, ouvindo as melodias mais puras e as lições de quem já desceu ao reino da morte, convenceu o rei Hades com a melancolia das suas canções e retornou ao mundo dos vivos.

Na mitologia grega, Orfeu era poeta e o músico mais talentoso que já viveu. Quando tocava sua lira, os pássaros embevecidos procuravam assento nos galhos mais próximo para melhor escutá-lo e os animais selvagens, assim como que domados, perdiam o medo e se achegavam. Até árvores se curvavam para pegar os sons no vento.

Orfeu foi associado a um *culto de mistérios* muito popular que preconizava a origem divina da alma e a reencarnação. Segundo a tradição, foi ele quem fez as revelações místicas fundamentais aos iniciados, que aprendera durante sua descida ao Hades. Uma literatura esotérica, baseada nos preceitos órficos, floresceu durante o Período Helenístico e se projetou para o futuro.

Criei com Orfeu a pátria da alvorada, / na esperança de er-
guer templos e altares / entre esmeraldas, cômodos e deltas
/ águas limpas de lágrimas e susto./.....Por isto agora é festa
em meu palácio: / lírios e peixes, rios e dragões / fazem si-
lencio para ouvir meu canto.⁷ (Ancora de Argo – 1ª âncora

Acorda, Orfeu! Queremos ver, no abismo / das potestades
que comandas, os / fundamentos da noite, a mansuetude / da
tenda em que Deus cria, enquanto vais / compondo os tre-
chos da canção sagrada. / Contornamos a vida inutilmente.
/ Tão cansado estamos deste círculo / de descontentamento
ocaso e argila, / que agora só nos resta procurar / refúgio
nas raízes do teu canto.⁸

- 6 SOUZA, J. Santo. Arquipélago de Sombras. In: *A Construção do Espanto*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.
- 7 SOUZA, J. Santo. 1ª âncora. In: *Âncoras de Argo*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- 8 SOUZA, J. Santo. Noite Inaugural. In: *A Construção do Espanto*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.



E é agarrado às raízes da inspiração órfica que Santo Souza vai elaborar as suas obras mais significativas formada por muitos compêndios já publicados, entre eles: *Cidade Subterrânea*, (1953); *Caderno de Elegias* (1954); *Relíquias* (1955); *Ode Órfica* (1956); *Pássaro de Pedra e Sono* (1964); *Oito Poemas Densos* (1964); *Concerto e Arquitetura* (1974); *Pentáculo do Medo* (1980); *A Ode e o Medo* (1988); *Obra Escolhida* (1989); *Âncoras de Argo* (1994); *A Construção do Espanto* (1998); *Rosa de Fogo e Lágrima* (2005); *Deus Ensangüentado* (2008). *Crepúsculo de Esplendores* (2009)

Todas elas revelam uniformidade quer seja na riqueza das imagens, quer seja no seu vastíssimo e especioso vocabulário, quer seja na estrutura das suas poesias, ou ainda no ritmo que se apresenta em velocidade incontrolável arrastando o leitor de verso em verso, de estrofe em estrofe como um potro fogoso que não obedece às rédeas e impõem suas passadas rápidas a quem procure cavalgá-lo. É como se o poeta tivesse pressa em transmitir todas as recomendações e cumprir a sua missão de reorientar o homem para a sua felicidade original. Grita com toda a força e arremessa as suas mensagens sobre a humanidade para despertá-la do seu sono repleto de sonhos enganosos recheados de avareza, de egoísmo, de maldades, de coibiças, de guerras, de destruição, de falsidades, enfim de tudo que encobre o lado nobre do homem e o impede de alcançar a divindade.

Sobre a sua polêmica obra **Pássaro de Pedra e Sono** comenta o Acadêmico Jose Anderson Nascimento, Presidente da Academia Sergipana de Letras: “O poeta, ávido por liberdade, produziu **Pássaro de pedra e sono**, composto com vinte e dois poemas e uma temática universal, em que trata do poder e do flagelo da fome, lançando um protesto contra as prisões e a opressão dos poderosos. Esse livro, considerado subversivo pela censura da Ditadura Militar de 1964, foi retirado das prateleiras das livrarias e a sua circulação proibida, em função dos poemas **Decreto-Lei nº 13, Canção para os Famintos e Canção de Condenados..**”

Nos braços das poesias mais líricas, Santo Souza descansa das viagens exaustivas pelos mares agitados, como nauta da nave de Orfeu, enfrentando furacões e tempestades. E descontraído nos leva a passear por entre as flores silvestres acariciadas pelo vento morno da tardinha ou umedecidas pelo sereno noturno, vigiadas pelas estrelas. Quem quer que as leia deve-se abandonar nas mãos sensíveis do poeta e deixar que este o conduza pela vertente mais delicada das suas criações poéticas, em viagem de fantasia e êxtase, para testemunhar:

Os grãos dourados das estrelas faiscarem sobre o chão do firmamento; ou as flores curvarem-se com sono - e os ventos ciciar baixo para adormecê-las ; ou ainda as rosas abrir as pétalas e armar, antes de vir a madrugada, o seu bosque de espinhos e perfumes.



Aos noventa anos de idade, Santo Souza lançou sua derradeira obra: *CREPÚSCULO DE ESPLENDORES*, com o espírito curioso e a vidência mais acurada. O poeta parecia atemorizado com a insensatez humana. E com os olhos de raios, a voz rouca de trovão rugindo tempestades de raiva sobre a orquestração louca da sinfonia dos roncões dos canhões, o poeta atira foguetes feitos de verbo contra o monstro da guerra. Com suas patas de aço e de chumbo, vem esmagando tantas vidas humanas, arando com sangue os campos das esperanças e dos sorrisos para plantar o medo, a angústia, o sofrimento, a solidão de onde serão colhidos os frutos do desespero humano. E o vate avisa:

E está fechado o círculo da vida, / onde uma bruxa cega me dizia / quantas estrelas vão descer ao caos, / com a missão de chamar a eternidade, / para dormir conosco neste mar / de trevas e assombros, cada vez mais denso.⁹

330



CREPÚSCULO DE ESPLENDORES vem no rastro dos poemas órficos. E perseguindo o tema central da guerra e da destruição, prossegue com o ciclo de indagações sobre a imparcialidade divina, diante das ações tresloucadas dos homens, que cedem às tentações dos olhos negros e grandes da cobiça, alheios aos estragos que vão causar no curso da evolução humana.

No estuário que entrei, tudo resplende / e a coruja, sem olhos, me perscruta / ou adivinha a indagação do mundo: / será que Deus ensina, desde o início, / ungir a espada e a cruz, e abençoar / os tanques e canhões matando, e rindo?¹⁰

A arrogância de líderes mundial, que se colocam na pretensa condição de Deus e com a força dos armamentos bélicos de poder destruidor imensurável, considerando-se imortais e invencíveis, procuram subjugar outros povos, menos apetrechados para enfrentar conflitos, levando a morte e a destruição na ponta das ogivas dos foguetes certos. Depois da carnificina não oferecem sequer um lenço para enxugar as lágrimas dos que amargam a dor e o medo. A morte está sempre espreitando todas as vidas na mira dos fuzis; e a destruição ronda todas as casas, templos e hospitais no seio das bombas que cantam, na sua queda sem retorno, o canto fúnebre dos corvos, cadenciado pelo ritmo frio das matracas.

Se fosse possível transformar esta obra poética *CREPÚSCULO DE ESPLENDORES* num quadro, com certeza nós teríamos diante dos nossos olhos a famosa obra *GUERNICA* do pintor espanhol Pablo Picasso, tal é a força que emana das imagens construídas com o talento do poeta e a vidência do profeta, incrustadas neste seu livro mais recente, repleto de críticas e apupos à destruição e à guerra.

9 SOUZA, J. Santo. *Crepúsculo dos Esplendores*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 2008.

10 SOUZA, J. Santo. *Crepúsculo dos Esplendores*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 2008.

1 - Morrem cidades noites e montanhas. / e esse frágil centauro alucinado / com a indagação dos mortos e dos anjos. / E a orquestração da morte recomeça : / torpedos gritos, bombas, aviões, / e o céu parado, surdo ao nosso apelo.

2 - Na catedral que outrora levantamos / entre as verdes muralhas do oceano, / a luta encarniçada das se-reias / com os invasores: naufragos guerreiros / mutilados, cadáveres gritando, / braços e mãos que voam, e vitrais / com a coroa dos mortos, e o estandarte / da legião do inferno drapejando.¹¹

Os poemas de Santo Souza em *CREPÚSCULO DE ESPLENDORES* refletem as suas angústias sobre a realidade do momento presente e o temor pelas conseqüências que vão desembocar no futuro. O mundo está doente: o concerto das nações está tocando sinfonias desafinadas; as guerras eclodem em todos os quadrantes; há desemprego, há fome, há miséria, há recessão, há intolerância religiosa, há corrida em busca do poder atômico... E a humanidade não aprende, pois os homens prosseguem numa corrida incontida rumo ao abismo. Só no século passado foram muitas as lições e a humanidade não aprendeu: com a 1ª e a 2ª guerra mundial; com a guerra da Coréia, com os conflitos que espocam no oriente médio; com o Vietnam; com o banho de sangue que manchou a pureza da Praça da Paz Celestial, enfim... É uma humanidade condenada a repetir os mesmos erros e depois chorar as mesmas dores, até que não haja mais ninguém para errar e ninguém mais para chorar. Luis da Câmara Cascudo comentou sobre as obras do poeta: – “Santo Souza tem o sentido Universalista do sofrimento, da angústia e da esperança humana”.¹²

A sensibilidade do poeta para entender e sentir as dores humanas arrebenta as vidraças da superficialidade e vai às compreensões mais profundas, sentindo-as com se fosse um punhal ferindo a sua própria carne. É como se o choro de cada criança ferida nos campos de batalha, ou os gemidos de fome, reboasse em seus ouvidos, como a mesma intensidade, como se fosse a do seu próprio filho. Cada vida que se extingue nos territórios em conflito explode como uma granada na sensibilidade do poeta. E ele grita:

Os sons raivosos desta penedia / e o eco do tomo desta luz que grita / no chão do mar onde navego, tudo / me comove e convoca para as lágrimas. / Venci a morte, semelhando um deus. / Cavei trincheiras dentro da muralha / onde se escondem madrugada e horrores.

11 SOUZA, J. Santo. *Crepúsculo dos Esplendores*. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 2008.

12 CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: SOUZA, J. Santo. *Cidade Subterrânea*. Aracaju: CISLA, 1953.



Santo Souza, poeta Órfico, membro da Academia Sergipana de Letras, merecedor de muitas e muitas honrarias cristalizadas em títulos, medalhas e troféus, dentre os quais pode-se destacar O Grande Prêmio da Crítica pelo Conjunto da Obra, 1995, da Associação Paulista de Críticos de Arte – S.P; uma vida de lutas das quais sempre sai vencedor, deu, no lançamento desta sua derradeira obra, *CREPÚSCULO DE ESPLENDORES*, o maior de todos os exemplos: o de perseverança, o de tenacidade, o do grande guerreiro que não esmoreceu no campo de batalha, e aos noventa anos, com uma lucidez que impressiona, encontrou forças para colocar seu talento poético e os seus dons proféticos a serviço da humanidade. Com a força e a disposição de um jovem guerreiro, arremessou sua lança contra tudo que representa o mal, a morte e a destruição.

Santo Souza Faleceu em Aracaju no dia 18 de abril de 2014. Teve a sua obra poética estudada exaustivamente pelo renomado intelectual sergipano Jackson da Silva Lima e as conclusões estão enfeixadas no livro *O POETA SANTO SOUZA*, publicado sob os auspícios da Fundação Augusto Franco cujo Presidente, na época era o ex Governador Albano Franco, em comemoração aos 70 anos do poeta.

“ O Bruxo de Riachuelo” - assim como o chamava carinhosamente seu admirador e incentivador, o escritor Luiz Antonio Barreto- coloca o seu último questionamento, que traduz também o inconformismo do ser humano diante do fenômeno da morte:

Será que a morte é viva para sempre, / ou vai surgir seu tempo de morrer, / também? / - Esta pergunta é do homem na / caverna. Hoje arranquei a escuridão / do abismo, e ele chorou seu turbilhão / de estrelas. / E tudo se transforma, arde / como um beijo na boca da serpente.

Mas o poeta encerrou sua derradeira obra com uma mensagem de esperança: “E a multidão de estrelas apagadas, / sol negro e horrendo escurecendo o ocaso. / - Na imensidão do caos, o eco da voz / de Deus, que traz nas mãos o anjo da paz”. No futuro, a obra de Santo Souza não será analisada, nem avaliada sob a orientação da régua e do compasso da crítica literária. Prevalecerão as suas revelações, as suas mensagens, os seus gritos de alerta. Todos vão se debruçar sobre os seus escritos, tentando decifrar os símbolos, entender o intricado universo que o profeta legou e as suas descobertas sobre os mistérios da vida.

Sérgio Milliet no *Jornal Estado de São Paulo* de 20 /12/1955, escreveu: “Anotem os críticos o nome desse poeta de Sergipe. Terão de falar dele um dia”¹⁵

15 MILLIET, Sérgio Milliet. Santo Souza. In: *Jornal Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 /12/1955.



O poeta não morre... É eterno. Um dia ele adormecerá, mas logo será despertado pelos olhos extasiados de muitos e muitos que no decorrer de séculos e mais séculos desejarão ler os seus poemas e ouvir a voz grave do Poeta, acompanhada pela lira de Orfeu, vibrar em cada verso, ensinando o caminho da harmonia.

Criei céus e distâncias para o olhar. / criei caminhos para os pés. Criei cores e luz para as auroras./ e arquiteto de paisagens desenhei horizontes e estrelas no azul. Dei linguagem musical ao vento e ao mar /. Construí pontes para o sonho. Armei a cúpula da noite/ e ao palpitar de cada coração eu aliei meu canto, para alegrar os deuses. E no entanto, mesmo sob o arco íris da magia que ornava minhas mãos/ eu percebia que o homem – nauta perdido – soluçava sobre as dunas da vida que eu criava.¹⁴





DISCURSO

Centenário de José Aloísio de Campos: Aracaju faz justiça a um grande Administrador¹

Igor Leonardo Moraes Albuquerque²

Não cultivamos os repolhos da demagogia, mas plantamos a semente do bem que germinará e produzirá frutos duradouros³

(Professor **José Aloísio de Campos**, em seu discurso de despedida da Prefeitura de Aracaju, 02 de julho de 1970).

Há 100 anos, em Frei Paulo-SE, nascia José Aloísio de Campos, pioneiro no planejamento governamental em nosso Estado, homem com vida pública absolutamente singular, dedicada exclusivamente à comunidade e aos altos interesses sergipanos.

Dentro das celebrações do Centenário de Nascimento do Professor José Aloísio de Campos, promovidas pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, foi solicitada a colaboração da Prefeitura de Aracaju, que, prontamente aquiesceu e entendeu como muita oportuna a possibilidade de homenagear tão ilustre figura pública.

- 1 O discurso em referência foi proferido pelo Secretário Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão, Igor Leonardo Moraes Albuquerque, em Solenidade alusiva ao Centenário de Nascimento do Professor José Aloísio de Campos, ex-Prefeito de Aracaju e ex-Reitor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no Centro Administrativo “Prefeito José Aloísio de Campos”, em Aracaju, 27 de novembro de 2014. A solenidade referida integrou as celebrações pelo Centenário de Nascimento de Aloísio de Campos que foram organizadas pela UFS. O texto, com breve relato biográfico do homenageado, aprofunda-se no período de sua gestão como Prefeito de Aracaju, indicado e nomeado que fora pelo então Governador do Estado Lourival Baptista. Procurou-se demonstrar que, embora nomeado e, portanto, não-eleito, o Prefeito José Aloísio de Campos fez uma administração operosa, progressista e com foco na meritocracia, não obstante o regime de exceção que então vigorava no Brasil. O economista José Aloísio de Campos, de fato, foi um grande entusiasta de Sergipe e um dos mais influentes gestores públicos da segunda metade do século passado no Estado.
- 2 Secretário Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão de Aracaju. 2º Vice-Presidente do IHGSE. Advogado. Especialista em Direito Constitucional e em Direito Educacional.
- 3 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 23 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).



Particularmente, como Secretário Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão de Aracaju, nesta segunda administração do Prefeito João Alves Filho, tivemos a grata incumbência de proferir o elogio público, de render loas, àquele que doou sua vida ao Serviço Público, mentor de políticas desenvolvimentistas de Sergipe, que, emanadas de um órgão forte – o CONDESE – subsidiaram decisões da mais alta significação para o Estado em diversos períodos de Governo no século passado.

José Aloísio de Campos, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade da Bahia (1943), teve uma vida pública brilhante, com atuação em diversos organismos governamentais do Município de Aracaju, do Estado de Sergipe e do País.

Iniciou-se no Serviço Público em 1º de dezembro de 1928 como Auxiliar de Escritório do Departamento de Obras Públicas do Estado de Sergipe.

Em sua trajetória, dentre outros cargos e funções, foi Escriturário da Secretaria da Inspeção de Estradas e Rodagens do Estado (1933) e da Secretaria da Fazenda do Estado (1938), sendo, depois, Oficial Administrativo; Contador-Geral do Estado (1943-1946); Consultor Técnico de Assuntos Econômicos e Financeiros da Secretaria da Fazenda (1946-1966), cargo no qual se aposentou; por duas vezes Secretário Executivo do CONDESE, órgão que organizou e implantou (1959-1963 e 1964-1967); Representante do Poder Executivo na Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado (1953); Membro da Delegação de Controle do DER-SE (1951) e do Conselho de Fazenda do Estado (1943-1946); Membro dos Conselhos de Administração do Banco de Fomento Econômico do Estado (atual BANESE), da Empresa Distribuidora de Energia em Sergipe (ENERGIPE), da Companhia Agrícola de Sergipe (COMASE), e do Instituto de Tecnologia e Pesquisa do Estado (ITPS); Chefe e organizador da Consultoria Técnica de Assuntos Econômicos e Financeiros da Secretaria da Fazenda do Estado, criada em 1946 e incorporada ao CONDESE em 1964; Chefe da Assessoria Especial para Coordenação dos Assuntos do Potássio e outros sais minerais em Sergipe, cargo que exerceu junto ao Gabinete do Governador do Estado; Representante do Governador do Estado junto ao Conselho Deliberativo da CODENO (atual SUDENE), de março de 1959 a janeiro de 1963 e de maio de 1964 a janeiro de 1967.⁴

Foi Reitor da Universidade Federal de Sergipe de 09 de agosto de 1976 a 09 de agosto de 1980, tendo tido marcante gestão com foco na implantação do *Campus* principal da UFS em São Cristóvão, hoje denominado, como homenagem e reconhecimento da comunidade acadêmica, Cidade Universitária “Professor José Aloísio de Campos”.

O economista José Aloísio de Campos exerceu com invulgar dedicação o cargo de Prefeito de Aracaju, a partir de 1º de fevereiro de 1968, naquela épo-

4 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. *Caderno de Cultura do Estudante*. Edição Prof. José Aloísio de Campos. “Alguns Tópicos do “Curriculum Vitae””. UFS: São Cristóvão, 1987, págs. 34 e 35.

ca, por indicação do Governador Lourival Baptista (1967-1970), sendo seu período na Chefia do Poder Executivo Municipal o foco central desta alocução.

Com a renúncia do Vereador José Teixeira Machado, então Presidente da Câmara Municipal e no exercício do cargo de Prefeito, o Governador Lourival Baptista nomeou o economista José Aloísio de Campos seu Secretário Extraordinário para Assuntos da Casa Civil, no lugar do também economista Batista da Costa.

A ideia do Governador, que, de fato se concretizou, era que fazendo do Professor Aloísio seu Secretário de Estado, poderia o mesmo, incontinenti, ser designado “para responder pelo expediente da Prefeitura de Aracaju”, mesmo sem a formalidade constitucional essencial de então, de que o nome do novo Prefeito fosse, antes, apreciado pela Assembleia Legislativa.

Foi grande a polêmica nos jornais da época sobre essa manobra do Governador do Estado, não obstante as informações de que nenhum Deputado Estadual, mesmo os da oposição, apresentariam obstáculo à nomeação de um técnico da estirpe do Professor Aloísio.⁵ Mas, posteriormente, houve a homologação, pelo Poder Legislativo Estadual, do nome de José Aloísio de Campos para Prefeito de Aracaju.

O médico baiano Lourival Baptista, então Governador do Estado, ao fazer a indicação de um técnico sem aspirações políticas, foi muito contundente na sua intenção de não permitir que a Prefeitura de Aracaju, então cobiçadíssima por grupos políticos, fosse gerida e administrada sob a égide de interesses politiqueros e eleitoreiros. Ao contrário, dentro das normas vigentes, quis dotar Aracaju de um Governo técnico, preocupado com a comunidade, com o desenvolvimento e com a solução de diversos problemas da Capital.

A posse do Professor José Aloísio de Campos na Prefeitura de Aracaju ocorreu na manhã de 1º de fevereiro de 1968, no Palácio Olímpio Campos, sede do Governo do Estado, tendo, na ocasião, afirmado o Vice-Governador Manuel Cabral Machado que classificava a: “[...] escolha do nome de Aloísio Campos, como um grande ato do Governo, pois ele sempre se voltou, exclusivamente, para os interesses maiores da comunidade sergipana.⁶

Em sua posse, o novo Prefeito de Aracaju, já demonstrando seu elevado espírito público, asseverou que:

Temos plena consciência das imensas responsabilidades que assumo neste momento, não somente perante o Governador do Estado, que confia na minha capacidade de trabalho, mas, principalmente, perante o povo aracajuano, a quem espero não decepcionar, ao qual espero poder servir com toda dedicação e entusiasmo com que sempre exerci os cargos públicos que me foram confiados.

5 GAZETA DE SERGIPE. Edições dos dias 1º/02/1968 e 02/02/1968.

6 GAZETA DE SERGIPE, Edição do dia 02/02/1968.

Procuraremos desempenhar a nossa missão com espírito público, colocando os interesses da coletividade acima de quaisquer outros interesses, trabalhando sempre e decididamente, pela solução dos graves problemas que afligem a população desta querida Cidade, a cujo serviço colocamos toda nossa experiência administrativa, todos os nossos esforços, toda a nossa vontade de bem servir e de acertar.⁷

O Prefeito José Aloísio de Campos era um técnico da mais alta qualificação, capacidade e experiência, que procurou modificar os parâmetros administrativos do Município de Aracaju, inclusive mediante a edição de diversas leis urbanísticas, tributárias e administrativas, dentre as quais destacamos: a) Fixação do Efetivo do Corpo de Bombeiros, então unidade da Prefeitura (Lei n.º 48, de 06 de dezembro de 1969); b) Reforma Administrativa (Lei n.º 68, de 18 de abril de 1969); c) Código Tributário Municipal (Lei n.º 121, de 30 de dezembro de 1969)⁸.

A Reforma Administrativa do Prefeito José Aloísio de Campos, aprovada, como já se disse, pela Lei n.º 68, de 18 de abril de 1969, foi claramente inspirada nos termos do Decreto-Lei (Federal) n.º 200, de 25 de fevereiro de 1967, que cuidava da organização da Administração Federal e estabelecia diretrizes para a Reforma Administrativa, editado ainda no Governo do Presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967). Tanto isso é verdade que no texto municipal foram estabelecidos, como “Princípios Gerais de Administração” o planejamento, a coordenação, a descentralização, a informação e o controle, de modo análogo aos “Princípios Fundamentais” das Atividades da Administração Federal, insertos no art. 6º do mencionado Decreto-Lei (Federal).

A dita Reforma Administrativa não pôde ser integralmente implementada, pois: “[...] lamentavelmente, por questões meramente políticas de caráter eleitoral, os instrumentos legais de que necessitava o Governo [...] foram negados, passando a mesma a ser executada com falhas insanáveis, sobretudo no tocante à reformulação da política de pessoal...”⁹

No entanto, o novo jeito de governar do Prefeito Aloísio, pautado no planejamento, na racionalização dos recursos públicos, na valorização dos servidores em função dos seus méritos e não por apadrinhamentos, gerou certa insatisfação de segmentos políticos. Como não tinha pretensões políticas, o Prefeito Aloísio de Campos deu à sua administração um viés eminentemente técnico e adstrito aos mais elevados padrões éticos,

7 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, págs. 03 e 04 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

8 Cf. consulta procedida pelo Autor nos Livros de Leis dos anos 1968, 1969 e 1970, da Prefeitura Municipal de Aracaju (Secretaria Municipal de Governo). Consulta realizada em 26/11/2014.

9 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 13 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).



sem se preocupar em adotar medidas não raro impopulares, porém, necessárias. Disse o Prefeito Aloísio:

Conhecemos os processos políticos usados para se alcançar fácil popularidade, mas os repudiamos por contrários à nossa formação e por não se harmonizarem com os princípios que sempre defendemos e por serem lesivos do interesse público.

E contrariando interesses tão importantes, estaríamos incorrendo na ira dos poderosos e dos inconformados com o novo estilo de governo que se instalou na Prefeitura de Aracaju, voltado exclusivamente para o bem comum, visando somente os mais altos interesses da Comunidade, numa constante luta contra os privilégios, os abusos, o nepotismo, o paternalismo.

As reações foram, portanto, violentas....¹⁰

Violentas ao ponto de campanhas terem sido urdidas, inclusive por auxiliares diretos do Governador do Estado, para passar à população uma imagem do Prefeito de Aracaju associada à inoperância e ineficácia como administrador¹¹. Isso sem contar tentativas de processar o Prefeito Aloísio de Campos, maquiavelmente arquitetadas por aqueles que sentiram-se prejudicados com a nova gestão, eis que aliados de seus privilégios de sempre.

Em sua administração como Prefeito de Aracaju, o economista José Aloísio de Campos, além das questões urbanística, tributária, administrativa e de valorização do servidor público, também fez interessante incursão nas áreas do controle do espaço público e de transporte. Anteriormente a desorganização e a desídia grassavam a Administração Municipal. Segundo o Professor Aloísio de Campos:

[...] durante muito tempo não se fez outra coisa senão partilhar o patrimônio público com amigos e correligionários. As praças e avenidas foram se entulhando de quiosques, barracas, bares, postos de gasolina e negócios de toda espécie, que não só enfeiam a Cidade, como dificultam o trânsito em muitos casos. Havia uma generalizada indisciplina na Cidade.¹²

Contra esse fato, a Prefeitura iniciou rigorosa fiscalização para coibir tais abusos.

Na área de transporte público, o Prefeito Aloísio tratou de modernizar o sistema que até então funcionava com “150 ‘kombis’ e 38 ônibus

10 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 05 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

11 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 07 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

12 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 11 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).



velhos”. Passaram-se para “70 ônibus, na sua grande maioria novos e confortáveis, restando em tráfego 13 ‘kombis’ apenas”.¹³

Frustrou-se e lamentou profundamente por não conseguir a implementação de dois grandes projetos da maior importância para o desenvolvimento da Cidade: o Plano de Desenvolvimento Integrado e o Centro de Abastecimento de Aracaju (CENARA).¹⁴

Em 1970 o Prefeito José Aloísio de Campos solicitou sua exoneração do cargo ao Governador João de Andrade Garcez (1970-1971), que substituíra Lourival Baptista, que renunciou para ser candidato ao Senado, e Manuel Cabral Machado que renunciara à Vice-Governadoria para ser nomeado Juiz (Conselheiro) do recém-criado Tribunal de Contas do Estado de Sergipe¹⁵.

A intenção do Prefeito demissionário foi a de deixar o Governador do Estado “[...] à vontade para colocar à frente do Executivo Municipal novos valores, dentro do programa de renovação a que está integrado e decidido o Chefe do Executivo Estadual”.¹⁶

Em sua saída, em 06 de julho de 1970, durante a transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju ao Secretário de Gabinete, Manuel Messias Góis, que o exerceria interinamente, proferiu o Professor Aloísio um discurso no qual, além de agradecimentos, tratou das conquistas, das dificuldades, das incompreensões e das frustrações conseguidas ou sofridas no exercício das elevadas funções de Prefeito da Capital. Afirmou o Prefeito em sua despedida:

Exercendo um cargo político, não poderíamos deixar de ser sensíveis aos problemas políticos. E assim procedemos, fazendo política no mais alto sentido, política conforme os interesses da Cidade, contemporizando e harmonizando, sempre que possível, os interesses em conflito, mas defendendo, intransigentemente, os superiores interesses do Município, fazendo uma administração única e exclusivamente a serviço do povo.¹⁷

Anos depois, após fecunda administração na Universidade Federal de Sergipe – UFS, o Professor José Aloísio de Campos mantinha viva e acessa a chama do espírito público e da necessidade de bem servir à sociedade. Disse o economista Dilson Menezes Barreto, seu amigo e também homem

13 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 11 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

14 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 21 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

15 DANTAS, José Ibarê Costa. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, págs. 187 e 188.

16 GAZETA DE SERGIPE, Edição do dia 04/07/1970.

17 CAMPOS, José Aloísio de. *Prestando Contas ao Povo Aracajuano. Uma Nova Experiência de Governo Municipal*. Edição do Autor: Aracaju, 1970, pág. 04 (Pronunciamento por ocasião da transmissão do cargo de Prefeito de Aracaju).

com relevantes serviços prestados a Aracaju e a Sergipe: “Já no ocaso da vida pública, destituído de qualquer função, tanto na Universidade quanto no Governo Estadual, mantinha-se irrequieto: queria fazer algo útil, manter a chama viva do pensar Sergipe.”¹⁸

Tal atitude demonstra de forma cabal, além do próprio valor pessoal do economista José Aloísio de Campos, a necessidade cada vez mais premente, nos dias de hoje, da valorização e enaltecimento da experiência dos mais velhos na vida pública, que, ao invés de serem encarados como meros concorrentes pelos espaços públicos em disputa, devem ser estimulados a permanecer na vida pública, ativos, dando sua produtiva e profícua contribuição à comunidade, inclusive, orientando gestores mais jovens através da sua experiência acumulada.

Em 2005 a Prefeitura de Aracaju fez-lhe justa homenagem ao colocar o seu nome neste Centro Administrativo¹⁹, e, hoje, por autorização do Prefeito João Alves Filho e do Vice-Prefeito José Carlos Machado, ser-lhe-á outorgada, mesmo após sua morte, a Ordem do Mérito Serigy, no Grau de Grã-Cruz²⁰, mais elevada distinção honorífica concedida pelo Poder Executivo Municipal.

Por fim, e retomando a ideia da frase do ilustre Professor José Aloísio de Campos, utilizada como preâmbulo dessa nossa oração, temos que a “semente do bem” de fato germinou e produziu “frutos duradouros”, tanto que estamos todos aqui, no dia de hoje, a celebrar, por ocasião do Centenário de seu Nascimento²¹, sua memória e seus exemplos, que, ainda nos nossos dias auxiliam, orientam e norteiam o pensamento de diversos gestores públicos em nosso Estado.

- 18 BARRETO, Dilson Menezes. *A Construção do Desenvolvimento de Sergipe e o Papel do CONDESE (1964-1982)*. EDISE: Aracaju, 2013, págs. 282 e 283.
- 19 Trata-se do Centro Administrativo “Prefeito José Aloísio de Campos”, inaugurado ainda na gestão do Prefeito Marcelo Déda (2001-2006), onde atualmente funcionam os seguintes órgãos e entidades da Administração Pública Municipal: Gabinete do Prefeito – GP, Gabinete do Vice-Prefeito – GVP, Secretaria Municipal de Governo – SEGOV, Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão – SEPLOG, Secretaria Municipal da Família e da Assistência Social – SEMFAS, Secretaria Municipal da Comunicação Social – SECOM, e o Instituto de Previdência do Município de Aracaju – AJUPREV.
- 20 Cf. Decreto de 26 de novembro de 2014, assinado pelo Prefeito João Alves Filho, Grão-Mestre da Ordem, e referendado pela Secretária Municipal de Governo Marlene Alves Calumby, Chanceler da Ordem do Mérito Serigy (publicação no Diário Oficial do Município de 27 de novembro de 2014 – Edição Extra).
- 21 Em alusão à efeméride, a Prefeitura de Aracaju, através da Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão – SEPLOG, após placa no monumento (busto) em sua homenagem, instalado na entrada do Centro Administrativo “Prefeito José Aloísio de Campos”, com os seguintes dizeres: “Estado de Sergipe. Prefeitura Municipal de Aracaju. Homenagem do Povo de Aracaju ao Prefeito José Aloísio de Campos no Centenário de seu nascimento. Prefeito do Município, João Alves Filho. Vice-Prefeito do Município, José Carlos Machado. Secretário Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão, Igor Leonardo Moraes Albuquerque. Secretária Municipal de Governo, Marlene Alves Calumby. Aracaju-SE, 27 de novembro de 2014”.



RESENHA

“A um Passo do Esquecimento”, o Derradeiro e Intenso Romance de Gizelda Morais

Wagner Lemos¹

Dizem que Religião, Ciência e Arte, como práticas humanas que são, revelam mais proximidades do que afastamentos. A primeira nos promete em diferentes modos um prolongamento da existência, quer seja pela tão apregoada vida eterna, reencarnações ou mesmo, na visão das crenças indígenas, um ressurgimento sob outras formas. A Ciência, por sua vez, busca ampliar a nossa duração nesta terra com a cura de doenças ou a melhoria da qualidade de vida dando-nos uma maior fruição do tempo. A Arte, por fim, é mais do que uma forma de expressão. A menos regrada das três, mas que, assim como as demais, guarda consigo um dos mais antigos anseios da Humanidade: vencer a morte. Que escultor não pensou em ser eternizado nas formas que deu ao que era informe? Que poeta ou prosador não almejou ser lido nas gerações futuras? Que pintor não suspirou ao concluir uma tela e não pensou em como seria visto no porvir? A Arte é a metalinguagem utilizada pelo Homem para se revelar, mas também para fincar-se como perenidade. “Longa é Arte, breve é a Vida”, assim rezava o provérbio latino, fazendo-nos lembrar de nossa efemeridade.

Em “A um passo do esquecimento” (Biblioteca 24 horas: São Paulo, 2014), derradeiro romance de Gizelda Morais (1939-2015), a personagem é andarilha nos entrelugares de que a vida se perfaz e, em tom memorialístico, lança mão da arte da palavra para estabelecer-se neste mundo, construindo uma prosa de cunho memorialístico permeada pela ideia do *tempus fugit*. Uma particularidade, entretanto, enriquece esse texto: a narrativa, apesar do caráter memorial, é tecida em terceira pessoa. A autora que nos deu excelentes páginas de prosa e poesia, desta feita, neste que foi seu último livro firmou com uma perspectiva inovadora: deu à sua personagem um perfil psicológico em que o distanciamento que impregna o texto em terceira pessoa garante às memórias uma fluidez na reflexão e

1 Professor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Mestre em Letras (UFS) e doutorando em Literatura Brasileira (USP). E-mail: wagnerleamos@usp.br



mesmo na autocrítica. Esse jogo confere uma maior ponderação da protagonista acerca da vida, bem como de seu espelho, a morte.

A personagem central, ao saber-se diagnosticada pela segunda vez com um câncer, desta vez terminal, empreende sua missão metalinguística: registrar pela palavra uma página por dia. Firmar no papel a sua história, seus sentimentos, suas dores, suas perdas, suas inquietações filosóficas, mas também as físicas, uma vez que os tratamentos, na verdade, muito maltratam seu corpo que peleja contra aquele que a personagem chama de “predador obscuro e demoníaco”. É desse modo que a tessitura do passado alinhavando-se com o presente nos traz um exercício de revisão da existência, não só pessoal, mas também coletiva. Um mar de palavras em que a micro e a macro histórias navegam juntas.

Do ponto de vista formal, é relevante destacar que os sessenta capítulos da obra foram construídos em retábulo. Essa técnica requer do autor uma acurada habilidade: elaborar partes que possam ser lidas independentes umas das outras, mas que em sequência perfaçam uma obra, como o clássico “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. Nesse sentido, podemos dizer que a estrutura do texto metaforicamente traz a sutileza de que a vida pode ser retomada de múltiplas formas, em saltos da memória ou na linearidade. Também impressiona que a mesma força e sensibilidade poéticas empregadas para resgatar a meninice da personagem nos cordéis da pequena cidade em que se criou, apresentam-se nas reflexões filosóficas do doutorado da narradora ou na comparação entre o pretérito, o presente e o que especula acerca do futuro da Humanidade.

O romance “A um passo do esquecimento” transita nas demais obras de Gizelda Moraes. Nas suas páginas, é possível se entrever os casarões e as senzalas das vivências humanas, o velejar dos que navegam com esperança, as baladas de sua poesia, os espaços e épocas regidos pelos agogôs da memória e os versos e reversos das inquietações de tantos personagens que caminharam pelo conjunto de sua obra. Nesse romance, Gizelda, com seus “olhos de praça triste”, brindou-nos com que devemos considerar sua obra prima, plena de uma pujança ímpar. Um texto que, ao contrário, do que anuncia seu título, não há de ficar no esquecimento.

A um passo do esquecimento – Gizelda Moraes. Publicado em dezembro de 2014 em plataforma virtual (www.biblioteca24horas.com.br), endereço eletrônico em que está disponível para compra do livro eletrônico ou impressão sob demanda.

